

## **Individualização do acontecimento e mortes violentas: as narrativas policiais da mídia impressa paraense**

Sérgio do Espírito Santo FERREIRA JÚNIOR<sup>1</sup>  
Alana da Silva MENEZES<sup>2</sup>

### **Resumo**

A morte violenta, principalmente o homicídio, é apresentada pela mídia paraense como assunto corriqueiro, constitutivo dos espaços periféricos dos centros urbanos. O jornal impresso Diário do Pará privilegia nas suas publicações um tipo específico de morte, o que as relaciona a “acerto de contas” dentro da Região Metropolitana de Belém, com os envolvidos sendo apresentados como assaltantes, traficantes e usuários de drogas. Constatamos que as mortes veiculadas no jornal não são somente da ordem da representação. O presente se utiliza das concepções de acontecimento, como fenômeno de sentido, em cujos relatos, passam por um processo de construção simbólica, por meio de uma individualização do acontecimento, homogeneizando a problemática social violência.

**Palavras-chave:** Mídia impressa. Violência. Morte. Narrativa. Individualização do acontecimento.

### **Abstract**

The violent death, especially murder, is presented by the media in Pará as a trivial matter, constituent of the peripheral spaces of urban centres. The print version of the newspaper ‘Diário do Pará’ in their publications privileges a particular kind of death, which relates to “settling of accounts” within the Metropolitan Region of Belém, with those involved being presented as robbers, drug dealers and drug users. We note that the deaths transmitted in this paper are not only of the order of representation. This article uses the conceptions of these events, as a phenomenon of meaning where accounts go through a process of symbolic construction, by means of an individualization of the event and as a uniformed problem of social violence.

**Keywords:** Print Media. Violence. Death. Narrative. Individualization of the event.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo e integrante do projeto de pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia paraense”, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal do Pará. E-mail: esferreira.sergio@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo e integrante do projeto de pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia paraense”, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal do Pará. E-mail: alanadmenezs@gmail.com

## Introdução

A mídia impressa paraense apresenta como sólido e inalterável um hábito jornalístico de abordagem da violência urbana na Região Metropolitana de Belém (RMB) e no próprio estado do Pará, que já tem sido diminuído ou atenuado no resto do país. Nos três impressos de maior circulação na região, O Liberal, Amazônia Jornal e Diário do Pará, a cobertura de violência abrange tão somente crimes que se resumem a ocorrências factuais que não se ligam que são restritos às regiões periféricas e sobre o quais não há qualquer atividade reflexiva para um enfrentamento sob uma perspectiva social.

No impresso Diário do Pará, essa prática é muito mais evidente. Fundado em 1982, por Laércio Barbalho, a empresa criou, em 2003, o caderno Diário Polícia (mais tarde, apenas Polícia), como meio de aumentar as vendas, sobretudo entre a parcela da população das regiões periféricas. Esse caderno, em formato tabloide, sempre teve como característica a presença de imagens chocantes, com cadáveres e sangue, e de uma linguagem que oscila entre a gíria e o chulo, com sentido depreciativo (AZEVEDO; NOGAMI, 2011). Ao mesmo tempo que se mostra como um jornal plural<sup>3</sup>, apresenta-se também como um jornal popular, o que é perceptível principalmente no seu caderno de esportes, Bola, que trata basicamente de futebol, no TDB (Tudo de Bom), que possui notícias sobre celebridades e programação televisiva, e no Polícia, que estampa em suas páginas as ocorrências violentas na capital e no estado.

O jornal aborda a violência como crimes isolados, agindo como uma espécie de painel da violência ocorrida diariamente. Há a falta de aprofundamento, de qualificação da informação, de respeito à ética jornalística e até a geração de constrangimentos para os que são estampados nas páginas dos jornais. Para além disso, o Diário institui como sua prática editorial a abordagem “banalizadora” dos crimes ocorridos em Belém e no

---

<sup>3</sup> O Diário do Pará possui uma linguagem que varia de acordo com os seus cadernos e suplementos, ora assumindo um caráter popularesco (no Polícia e no Bola, por exemplo), ora se revestindo de objetividade e maneiras amenas de abordagem (como no primeiro caderno, nos cadernos de cultura e nos suplementos esporádicos). Essa roupagem variada, com conteúdos para vários públicos, consiste em uma de suas estratégias para aumentar as vendas e obter a adesão de consumidores, que não consumiriam só o que o jornal tem de ‘popular’.

resto do estado. Incentiva a ação da polícia como meio de resolver o problema da violência, ridiculariza os acusados, usa de linguagem supostamente popular para atrair atenção e, o mais explícito de todos os aspectos, não se furta de utilizar a morte para vender e para evidenciar a violência, tendo como recurso principal narrativas de crime ou narrativas policiais acompanhadas de fotografias de cadáveres.

As definições de esvaziamento (COSTA, 2011) e dramatização (ADORNO, 1995) talvez sejam bastante úteis para olharmos para a mídia, sobretudo essas narrativas policiais. O esvaziamento em Costa define o caráter apelativo e performativo das narrativas midiáticas sobre violência, que são estratégias para seduzir o público, que podemos detectar no fato de haver uma profusão de imagens com marcas de violência, sobretudo o sangue e o cadáver, que fazem parte de uma narrativa sensacional e banalizadora que se presta a julgar as pessoas e a definir, de modo bem maniqueísta, o que sejam o bom e o mal dentro da sociedade, reforçando a ideia de uma espécie de guerra urbana. Isso se alinha com a concepção de Adorno, pois para ele, a dramatização ocorre quando a violência passa a ser evidenciada de modo exacerbado, como um indicativo de que, principalmente a criminalidade, aumenta de modo desesperador, sem que se levem em consideração questões de ordem estrutural e contextual; devendo-se esse processo de dramatização às intenções das instituições produtoras de informação, mas ao mesmo tempo àquilo que está na sociedade. O autor não avança na definição mais clara do que entende por dramatização, mas evidencia a ideia de que a mídia acaba fornecendo interpretações equivocadas em relação à violência e à segurança pública.

Tendo isso em mente, podemos afirmar que a morte violenta, principalmente, o homicídio, é esvaziada e dramatizada, sendo apresentada pela perspectiva do comum, do corriqueiro, sendo um evento quase constitutivo dos espaços da periferia em que ela ocorre. E dentre as mortes relatadas, um tipo específico de ocorrências é o que mais se destaca. Um tipo de ocorrência que sempre se desenrola nos bairros da região periférica, cujos envolvidos, assim o jornal os retrata, são principalmente assaltantes, traficantes e usuários de drogas. Às mortes devido “dívidas” entre esses grupos, o Diário dá o nome de “acerto de contas”. Dessa maneira, o impresso cria uma categoria de eventos violentos, cujas narrativas são estruturadas de maneiras muito similares.

A partir da observação dessas narrativas, percebeu-se que os casos em que ocorrem esses tipos de morte, são uniformizados, reduzidos a um conjunto de elementos factuais semelhantes, que reiteram e reapresentam agentes, pacientes e espaços de violência na Região Metropolitana de Belém. As narrativas policiais apresentam os acontecimentos como evidências da violência urbana, que se concentra principalmente em regiões afastadas do centro da cidade, a que os jornais se referem como periferia. São narrados de maneira similar, pois a morte é apresentada como indicativo pretensamente objetivo do quão corriqueira e intensa a violência se tornou.

Entendendo que as mortes veiculadas nesse diário não são somente da ordem da representação (não estão circunscritas à narrativa midiática, pois se trata de ocorrências anteriores a ela e na qual indivíduos foram afetados), o presente trabalho parte das concepções de acontecimento, elaboradas por França (2011), França e Almeida (2008) e Quéré (2011), segundo os quais, os acontecimentos são fenômenos de sentido que se revestem de um potencial hermenêutico e passam por um processo de construção simbólica, estando relacionados a processos sociais. Segue-se o percurso apontado pelos autores, ao se fazer uma análise da “individualização do acontecimento”, que envolve um “conjunto de operações através das quais este se torna observável e apreensível como indivíduo determinado, dotado de uma unidade e de uma coerência, assim como de uma identidade e de uma significação estabilizadas” (QUÉRÉ, 2011, p. 13). Sendo esse procedimento capaz de revelar as configurações que conferem identidade a esses acontecimentos.

Para os fins deste estudo, que se insere nas investigações do Projeto de Pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia paraense”<sup>4</sup>, foram analisadas 12 edições do impresso, ao longo do período estudado pelo projeto, que consiste nos meses de março a abril e agosto a outubro de 2012. Os tópicos seguintes contêm considerações sobre as perspectivas teóricas adotadas e sobre em que medida os casos de morte por “acerto de contas” na periferia da RMB se constituem como acontecimento, do qual as narrativas do impresso paraense são um dos constituintes.

---

<sup>4</sup> O projeto de pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense” está sendo desenvolvido desde setembro de 2012, na Faculdade de Comunicação Social, da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPA). Foi aprovado no Edital Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto está estruturado em três etapas: com mapeamento dos jornais impressos paraenses, na primeira; de programas televisivos, na segunda; e de sites de notícias, na terceira.

## A morte como acontecimento

Sobre a morte, e mais especificamente, sobre a morte por “acerto de contas”, podemos dizer que se trata de um acontecimento em que medida? Uma afirmação a essa pergunta requer que se explicitem algumas relações com o que sejam as concepções, representações e relações com a morte, pois que se inscreve em um estatuto e pressupõe ações e reações em relação a ela<sup>5</sup>.

Perspectivas como as de Benjamin (1987) e Ariès (2012) dão conta de que houve um momento, identificado na Idade Média, em que a morte era vista como um momento de resignação, um ritual solene, em que o morto conformava-se com a ordem que lhe era imposta e esperava a sua liberação do corpo. A partir disso, sobretudo no ato de morrer ao leito, a morte se apresenta em um espaço que é público, em que a comunidade e o povo se inserem, em que há fortes formas de socialização geradas por essa morte, em relação a qual não opera nenhum estranhamento, talvez pelo fato de ela ser atravessada por um sentido primeiramente religioso e agregador. (ARIÈS, 2012, p. 53-57; BENJAMIN, 1987, p. 207).

Retomando Ariès, Oliveira (2013) aponta que nos períodos anteriores à Modernidade, a morte esteve relacionada ao constante reforço de seu caráter de inviolabilidade, que não interferia em sua presença no espaço público, antes, era onde essas formas de socialização se evidenciavam. A manifestação pública do luto e o caráter ritual que a morte no leito possuía são exemplares dessa relação. O autor, então, aponta, com base no pensamento de Kafka e Benjamin, que há na Modernidade uma alteração nas maneiras de se relacionar com a morte, pois:

Kafka também nos mostra que na modernidade a morte foi expulsa do espaço interior que reunia ao mesmo tempo a ‘autoridade soberana’ e o ‘caráter de solenidade pública’ da morte. Sem nenhuma luz interior, digamos assim, o

---

<sup>5</sup> Sobre a significação de um acontecimento, França (2011) explica que “se dá e se constrói situando-o dentro de um quadro de referências e de valores já estabelecidos, ligando-o a certas questões e sentidos, organizando-o conforme certos princípios. Estes quadros de sentido, estes princípios de inteligibilidade são claramente sociais e históricos; [...] A escolha de um deles (ou alguns) depende não apenas da situação específica (da ocorrência que aciona o quadro), mas do contexto social mais amplo e do conjunto de valores que permeiam e se mostram dominantes num determinado momento de uma dada sociedade.” (2011, p. 69)

caçador Graco [obra kafkiana] mostra a morte dentro de um espaço depurado, expulsa de qualquer tipo de psicologização religiosa ou de qualquer caráter pedagógico [...] Benjamin chega à conclusão de que houve uma transformação no ‘rosto da morte’ (*Gesicht des Todes*) entendida a partir do aparecimento das práticas higiênicas nas sociedades burguesas, que com seus “espaços depurados”, esvaziaram a morte enquanto espetáculo público de sabedoria coletiva. (OLIVEIRA, 2013, p. 168-171)

Têm-se, então, mortes não ritualizadas, destituídas de simbolismo, esvaziadas dos sentidos que permearam os imaginários sobre a morte. É uma morte estranha às relações humanas, nas quais ela se insere, a partir de então, relacionada ao proibido, ao constrangedor, a um caráter de interdição. Por isso mesmo, podemos relacioná-las com o sentido que Matheus (2011) explicita em sua obra. A autora afirma que, ao ser esvaziada dos papéis que tinha antes da Modernidade, a morte é afastada da vida social ao mesmo tempo em que é “tornada o próprio desvio em relação à ordem dos vivos” (2011, p. 58).

Por isso, a morte na mídia procura apresentar essa ruptura, além de estar relacionada com uma nova maneira de se ver a morte na contemporaneidade, que foi transformada em uma “morte como espetáculo” (2011, p. 59). Essa concepção, segundo Barbosa (2004), tem a ver com uma lógica de visibilidade pela mídia, que adotou como papel reiterar o lugar da morte na sociedade, representando ainda esse caráter de ruptura, dramatizando e banalizando a morte, que agora “ganha a cena midiática” (2004, p. 5). As autoras concordam que esse fenômeno da morte midiática, nos casos em que envolvem a violência urbana, traz sempre na figura de anônimos, indivíduos cujas morte servem para atestar a imagem de uma “cidade perigosa” em que se proliferou a morte violenta, fruto da guerra urbana”. (MATHEUS, 2011, p. 57; BARBOSA, 2004, p. 2). Mas esse espetáculo, permeia um cotidiano que não é só da mídia e se inscreve nele, fazendo o excepcional da morte tornar-se comum e banal, pois

A morte que nos ‘assusta’ e que merece ser relatada diariamente possui, como acontecimento, um caráter de surpresa. Sua presença rotineira, entretanto, quando captada pela imprensa dá à dimensão de sua vivência um outro caráter. A morte cotidiana que abunda as páginas do jornal é ela mesma, uma morte comum, que assim se torna, pela maneira como o jornal a faz, repetitivamente, ordinária. (TAVARES, 2012, p. 75)

Deste modo, é preciso retomar a questão: em que medida a morte por “acerto de contas” se trata de um acontecimento? Consideremos que estamos falando de uma morte com causa violenta e que é relacionada à criminalidade. Se se considerar que um acontecimento (e também o acontecimento midiático) é “mais do que um fato [...] trata-se de um fenômeno de sentido que instaura descontinuidades e afeta aqueles que o experimentam” (FRANÇA; ALMEIDA, 2008, p. 2), pode-se inferir que essas mortes se tornam acontecimento à medida que agem sobre os indivíduos envolvidos nele ou que com ele entrem em contato.

A maneira como o Diário apresenta essas mortes, insere-se justamente nessa ideia da “afetação”, não só com maneiras de se relacionar com a morte, mas de perceber a violência no tecido urbano. É uma afetação que pode ser mediada e que formata os quadros de sentido escolhidos pelo jornal, pois reiterando a morte no espaço público, está-se atestando um acontecimento brutal, que continua acontecer e mais, está realimentado o “espetáculo da brutalidade cotidiana” (BARBOSA, 2004, p. 2). Ou seja, por meio desse quadro pelo qual o jornal apresenta a morte “por acerto de contas” como acontecimento, ele a está inserindo em uma determinada conjuntura na qual a violência é o que rege as relações e as práticas sociais.

Essas noções envolvendo a morte como acontecimento são importantes, porque justamente ponto de partida para o relato do acontecimento, que configura o seu processo de individualização.

## **O processo de individualização da morte por “acerto de contas”**

“No final da noite do último domingo, foi assassinado com quatro tiros, por suposto envolvimento com tráfico de drogas [...]”<sup>6</sup>. Assim começa mais uma narrativa sobre a morte de um anônimo da periferia, cujo cadáver aparece em uma fotografia com o rosto coberto por um tecido e cercado de sangue. Apenas com o início da matéria, já se entrevê toda a construção seguinte, que é igual a muitas outras, anteriores e posteriores a ela, em que temos a impressão de que a morte brutal está se proliferando pelos espaços periféricos.

---

<sup>6</sup> Polícia. Jovem é assassinado com 4 tiros em Icoaraci. **Diário do Pará**. Publicado em: 06/03/2012.

A vítima, diz a matéria, “era envolvida com traficantes” e a morte “teria sido motivada por um ‘acerto de contas’”. E nesse ponto aparece o designativo que vai conferir identidade a todo o evento e inseri-lo em um contexto típico. Essas mortes por “acerto de contas”, conforme já assinalado anteriormente, aparecem diariamente nas páginas do jornais, sempre com títulos que expressam a forma como o homicídio ocorreu. Aparecem também, na narrativa, com um sentido que é extraído das falas de testemunhas e das Polícias Militar e Civil.

Essas narrativas, sempre com construção similar, evidenciam uma forma de tratar e configurar um fenômeno, que acontece na sociedade e se insere no contexto da violência urbana, mas que, ao ser estampado nas páginas dos jornais, adquire e comunica sentidos sobre o estado da violência na Região Metropolitana de Belém, mais precisamente, em suas periferias.

Trata-se de uma maneira de relatar um evento, inscrevendo-o em uma classe de eventos similares. Trata-se de construir um acontecimento a partir de elementos que serão narrados levando em conta a sua semelhança. E por isso, mesmo uma acontecimento que passa por um processo de “individualização”, conforme a perspectiva presente em França (2011) e Quéré (2011), processo esse que se compõem de algumas etapas e que definem a maneira como o acontecimento “apresenta traços que o identificam e o lhe conferem individualidade” (QUÉRÉ, 2011, p. 23).

Partindo desses conceitos, estamos encarando essas mortes por “acerto de contas”, como um acontecimento individualizado, ainda que estejamos falando de várias narrativas, em razão da homogeneidade com que o jornal as relata, dos elementos que são veiculados pelo impresso e dos demais processos constitutivos da individualização realizados pelo Diário do Pará. Propomo-nos, então, a investigar de que maneira as narrativas sobre essas mortes tornam-nas um acontecimento individualizado.

### **Morte por “acerto de contas”: uma categoria**

“O que se passou aqui?” É a primeira pergunta que, di-lo Quéré (2011), deve ser respondida para que se perceba a individualização do acontecimento. Todas essas narrativas o fazem. É evidente a configuração dos acontecimentos como sendo da



ordem do “acerto de contas”, estando situado nessa categoria. Esse é o elemento designador de tais eventos, fazendo com que os muitos casos, malgrado fatos de cada evento, componham um grande gênero de acontecimentos.

Contudo, apenas dizer isso não basta, porque de certo modo, é um movimento classificatório facilmente perceptível. O que define essa categorização é que ao ser “nomeado, filiado a um gênero” ele também é “inscrito em determinado(s) quadro(s) de sentido” (FRANÇA, 2011, p. 67). Na visão da autora, que retoma Gregory Bateson e Erving Goffman, os quadros de sentido são princípios organizadores das relações e das interações sociais e que se trata de referências dentro das quais o acontecimento vai ser configurado. Desse modo as narrativas engendram “enquadramentos”, ou seja, maneiras de mobilizar essas referências. A exposição sobre a morte, feita antes, permite-nos compreender em que medida as representações da morte<sup>7</sup> se relacionam com o acontecimento sobre o qual estamos falando, já que também fazem parte dessas referências.

Mas também, os enquadramentos, em nosso caso, mobilizam referências específicas e que fazem parte de um enquadramento como morte causada pelo tráfico, morte de bandidos e de morte na periferia. São enquadramentos que se relacionam fortemente, porque, se considerarmos, como diz Silva (2007), que a periferia é sempre apresentada na mídia a partir da violência, essas mortes e a relação dela com o tráfico e com assaltantes são uma maneira de reiterar as imagens de uma periferia que é violenta, cujos crimes são fatos oriundos da conduta dos envolvidos, tanto vítimas quanto suspeitos. É o que ele faz por exemplo, em especulações. Como nesse caso, ocorrido no bairro Icuí-Guajará, Ananindeua, Região Metropolitana, em que: “Familiares de José relataram que ele pode ter tido dívidas com traficantes ou assaltante da área.”<sup>8</sup>. Ou neste, ocorrido no bairro Telégrafo em que: “Polícia credita que o homicídio foi uma cobrança de dívidas da vítima com o tráfico.”<sup>9</sup> Ou ainda nesse, ocorrido em Icoaraci, em que se fala da vítima: “Dione Rafael Rodrigues Coelho, 23, não seria viciado, mas já foi preso por envolvimento com roubos, ganhou liberdade, mas ainda estaria mantendo

---

<sup>7</sup> Para França, as maneiras de nos relacionarmos com a morte e as suas representações se situam dentro dos quadros de referência. A própria percepção da violência também está condicionada às maneiras com que entramos em contato com referências e representações. (FRANÇA, 2004, p. 16,17)

<sup>8</sup> Polícia. Homem é assassinado com vários tiros e facadas. **Diário do Pará**. Publicado em: 16/08/2012.

<sup>9</sup> Polícia. “Três peitos” é morto a tiros no Telégrafo. **Diário do Pará**. Publicado em: 13/05/2012.

envolvimento com o mundo do crime.”<sup>10</sup> Outro exemplo de especulação, ocorreu no bairro Tapanã, em Belém: “Também há possibilidades de crime de execução por possíveis envolvimento da vítima com o tráfico de drogas, que é comum nessa área.”<sup>11</sup> Podemos dizer, portanto, que é a partir desses elementos que o Diário traz para as suas narrativas, em que ele destaca aspectos da vítima, do local, ele está definindo os enquadramentos dados ao acontecimento.

## **A estrutura e o tempo: a narrativização**

Esse processo se constitui, de acordo com França, como a “articulação de seus vários momentos [da narrativa], a estruturação da temporalidade. Geralmente a construção da narrativa é feita após tudo terminado, quando já se conhece o seu desfecho, e em função do seu final” (2011, p. 67). É o meio pelo qual se cria uma ordem lógica para o relato do acontecimento, por meio do qual se ancora em uma temporalidade que confere ao acontecimento uma inteligibilidade, por exemplo, construindo a ordem dos eventos no acontecimento.

Sucessão de eventos, por exemplo, que se expressa nesses dois casos de homicídio, o primeiro também a periferia de Belém, o segundo, em um de Marituba: “Passava da uma hora da madrugada de ontem quando os moradores da passagem Ana Deusa, no bairro Utinga, ouviram sete disparos que mataram Luís Fernando da Silva, conhecido como Nani.”<sup>12</sup>; “Pensou que ia se esconder dos traficantes e acabou morto”<sup>13</sup>. É uma articulação, principalmente, entre os momentos que antecedem a morte, ou o ato violento que a ela leva.

Em nosso objeto, é muito sintomática essa articulação, pois que se trata de narrativas cujos elementos são ao máximo similares. Podemos concordar com França, que diz que o enquadramento é capaz de definir a estrutura da narrativa, pois nos casos do Diário, todos os eventos seguem o mesmo percurso. Um indivíduo que é ou era assaltante, tinha ou tem dívidas com o tráfico, residente na região periférica, é vítima de

---

<sup>10</sup> Polícia. Homem morre crivado de balas em Icoaraci. **Diário do Pará**. Publicado em: 18/08/2012.

<sup>11</sup> Polícia. Invadiu casa, “cantou de galo” e foi pro veneno. **Diário do Pará**. Publicado em: 20/09/2012.

<sup>12</sup> Polícia. Sete balas e mais um assassinato. **Diário do Pará**. Publicado em: 02/04/2012.

<sup>13</sup> Polícia. Ex-detento para com a vida dívida com o tráfico. **Diário do Pará**. Publicado em: 04/05/2012.

morte violenta, geralmente por arma de fogo ou arma branca, cometida por homens não identificados, agentes da Polícia Militar e Civil ou testemunhas levantam a hipótese de “acerto de contas”, familiares falam sobre a vítima, informações sobre a ação da Divisão de Homicídios da Polícia Civil são dadas, o corpo é removido. Essa é a estrutura das narrativas sobre “acerto de contas”. Essa mesma estrutura, como já afirmamos, é que o ajuda compreender o motivo de as várias mortes envolvendo algumas dessas circunstâncias, tornarem-se invariavelmente essas narrativas.

## **Do lamento ao alívio: construção das ações**

Dentro da narrativa, as ações dos envolvidos não são relatadas de maneira gratuita. França (2011, p. 67), diz que a construção simbólica de um acontecimento, o trabalho de revestimento de sentido que estabelece sua identidade, não lhe conferem uma natureza abstrata, pois convoca ações e comportamento, requer um posicionamento frente ao acontecimento. Levando em consideração nosso objeto, podemos dizer que essa construção simbólica do acontecimento está relacionada à maneira como os envolvidos interagem com e que ações eles tomam em relação à morte por “acerto de contas”. Os indivíduos de cujas ações o acontecimento se compõe, são os parentes, os policiais, as testemunhas, moradores, que se relacionam com a ocorrência, seja emitindo juízos sobre o crime ou sobre a sua experiência com a violência.

Apenas a título de exemplo, cremos importante mostrar a construção dessas ações em alguns momentos. Um homicídio em que o jornal diz que “todos os familiares de Meriely Sila Miranda, de 32 anos, culpavam a maldita droga pela tragédia que abalou a família”<sup>14</sup>. Outro, de um assaltante: “População comemorou, sem remorso, a morte de Robson”<sup>15</sup>. E o relato da reação do irmão de uma vítima, que observava a o cadáver a distância: “O olhar do menino não desviava da direção do corpo do irmão. Mesmo calado, a única expressão que o rapaz demonstrou foi de susto aliado a tristeza, assim que apenas uma lágrima escorreu pelo rosto.”<sup>16</sup> A reação das pessoas diante do perigo de represálias: “A lei do silêncio imperou no local onde ninguém sabia de nada, ninguém

---

<sup>14</sup> Polícia. Mulher perde a vida para as drogas. **Diário do Pará**. Publicado em: 01/04/2012.

<sup>15</sup> Polícia. Vai roubar onde agora, ladrão? **Diário do Pará**. Publicado em: 05/03/2012.

<sup>16</sup> Polícia. Viciado “paga a conta” levando seis tiros. **Diário do Pará**. Publicado em: 25/10/2012.

viu nada”<sup>17</sup>. Ou mesmo, a construção de uma falta de empatia ou de sensibilidade: “Adultos, jovens e até mesmo crianças não se afastaram do local onde o jovem foi encontrado morto. Talvez por curiosidade ou ‘por costume’, já que uma das crianças revelou que não se surpreende ao ver essas cenas”.<sup>18</sup> Trata-se de uma série de ações que estão envolvidas nos casos dos “acertos de conta”, mas não interferem na maneira como o Diário os relata, já que essas ações entram apenas para conferir algumas nuances dramáticas a cada caso.

## **Violência, tráfico e mortes: um problema público**

“O ritmo de homicídio com características de execução por dívidas com o tráfico de drogas não diminui na Grande Belém”<sup>19</sup>. Mais uma matéria registrando mais de um caso de mortes por “acerto de contas”. Aqui o jornal explicita o caráter alarmante desses crimes, cujas causas seriam o tráfico e as dívidas entre os envolvidos. No entanto, em nenhum momento vai além disso. E não levanta nenhum debate sobre essas questões. Conforme dito antes, o Diário realiza uma cobertura que “na maior parte do tempo, ela corre atrás da notícia do crime já ocorrido ou de ações da polícia já executadas, mas tem pouca iniciativa e usa timidamente a sua enorme capacidade de pautar um debate público consciente sobre o setor” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 25).

Ele realiza a publicização de um problema público, que, na visão de Quéré, é diferente de um problema social.

Os problemas públicos não se confundem com ‘os problemas sociais’, nem a acção pública com a acção colectiva ou a acção do Estado (ou a das instituições). Os problemas sociais são mais vastos que os problemas públicos – para se tornar um problema público, um problema social deve ser tematizado de certa maneira e num certo campo [...] (QUÉRÉ, 2011, p. 27).

No caso do Diário, a espécie de registro e de tematização que ocorre é meramente da ordem do factual. Ele faz registros de crimes e narra como os crimes aconteceram. O que ele destaca com isso é a presença maciça da violência nos contextos

---

<sup>17</sup> Polícia. Jovem é fuzilado no Guamá com 7 tiros. **Diário do Pará**. Publicado em: 03/09/2012.

<sup>18</sup> Polícia. “Paizinho” é “retalhado” com 37 facadas. **Diário do Pará**. Publicado em: 30/10/2012.

<sup>19</sup> Polícia. **Diário do Pará**. Publicado em: 25/09/2012.

periféricos. E, ao apresentar a morte como marca dessa violência, atua ressaltando o estado de insegurança em que o Pará e a Região Metropolitana se encontrariam. Essa profusão de registros violentos, segundo Costa (2011), pode contribuir para reforçar essa ideia da insegurança, já que a violência está espalhada pelo tecido social e perpassa a vida em sociedade, ao mesmo tempo que contribui com a ideia de que não se há nada para resolver esse problema. “A marca dessa insegurança é a sensação de desamparo experimentada pelos indivíduos diante de assuntos que parecem minar certezas e racionalidades já alcançadas” (COSTA, 2011, p. 198)

### **Mortes esperadas: normalização**

Diferentes relações se estabelecem com as mortes midiáticas, pois a posição dos seus mortos influi em como enxergá-las e como se posicionar diante delas. Barbosa (2004), diz que a figura de um morto na mídia, quando ele ocupa um lugar marginal, é construída como sendo “o inimigo que na cena pública é vítima da morte violenta” e cuja morte é “esperada e desejada” (2004, p. 4). Desse modo, cria-se a noção de que a morte é percurso mais lógico e inevitável para os indivíduos que, nas construções midiáticas, ameaçam a vida social.

França (2011) diz que a normalização de um acontecimento “é a redução de sua contingência e indeterminação, através de sua inscrição num contexto causal e social, tornando manifesto o seu caráter típico”. Com base nessa consideração, podemos dizer que o Diário trabalha realizando essa ação normalizadora nas mortes por “acertos de conta”, uma vez que ele as inscreve como um acontecimento situado na região periférica, envolvendo indivíduos cujas relações são estabelecidas pelo crime e pela violência, e por isso mesmo, essas relações são as causas das mortes violentas.

Com isso, as mortes por “acertos de conta”, por serem constantemente reiteradas, sob a mesma perspectiva, com os mesmos elementos, apontam um percurso no acontecimento que é apresentado como provável e iminente, dadas as construções realizadas pelo jornal impresso, que traz como mote de sua narrativa uma morte causada por relações de dívida.

## Considerações finais

O que isso implica, afinal? Implica que há um deslocamento de discussão e a morte serve como meio de atestar a insegurança, ao mesmo tempo em que essa morte passa por um processo de banalização e naturalização. O acontecimento midiático morte por “acerto de contas” traz apenas elementos pontuais em sua conjuntura e se projeta mais como um conjunto de intrigas, do que como um fato social que requeira uma problematização mais complexa.

A própria França afirma que a individualização do acontecimento e também a aquisição de uma identidade são “um processo de inscrevê-lo no que é habitual, do qual se sabe falar, e com o qual se sabe lidar. Trata-se da redução do estranhamento, e seu entranhamento na estrutura do vivido.” (2011, p. 68) De modo que esse acontecimento do qual tratamos passa a ser percebido a partir da identidade e da individualização que lhe é construída. E porque seja uma categoria de acontecimento que é diariamente exposta nas páginas do jornal, passa por um processo de homogeneização de uma realidade social.

A prática do jornal de afirmar que há um crescimento violência e a busca por atestá-lo com uma grande quantidade de registros e reiterar que a morte na periferia passa a fazer parte do cotidiano, do comum, porque os indivíduos dessas regiões estejam envolvidos direta ou indiretamente com as ordens do crime e do tráfico, é sintomático para mostrar o afastamento desses eventos de um debate adequado e necessário.

A morte aqui continua sendo utilizada pelo seu estatuto espetacular na contemporaneidade, e, mais ainda, banalizador. A morte de que tratamos aqui é uma morte esperada e cujos espaços, bem definidos, na narrativa do impresso, são reapresentados pela perspectiva da presença da morte. O acontecimento individualizado, assim, ancora e relaciona as evidências da violência a lugares e indivíduos, que são de modo naturais a elas relacionados.

## Referências

ADORNO, Sérgio. Violência, ficção e realidade. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: ECA/USP, Brasiliense, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

AZEVEDO, Gabriela dos Passos; NOGAMI, Gisele Hiromi. **Os jornais impressos paraenses: conflito entre público e privado**. 2011. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social). Universidade da Amazônia, Ananindeua, 2011.

BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (Compós), 2004. **Anais...** São Bernardo do Campo, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras escolhidas I**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSTA, Alda Cristina. A violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; LIMA, Regina Lucia Alves de; AMARAL FILHO, Otacílio. **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011.

FRANÇA, Vera. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**. n. 10. 2011.

\_\_\_\_\_. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida: Idéias e Letras, 2004.

FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. **Contemporânea**. vol. 6, nº 2. Dez. 2008.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

OLIVEIRA, Flávio Valentim. **Arte, teologia e morte: filosofia e literatura em Franz Kafka e Walter Benjamin**. Curitiba: Appris, 2013.

QUÉRÉ, Louis. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**. n. 10. 2011.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SILVA, Jailson Silva. A violência da mídia. In: RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência:** tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. A cotidianidade do morrer na vida noticiosa. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo (Org.). **Jornalismo e acontecimento:** diante da morte. 3. vol. Florianópolis: Insular, 2012.